

ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DA CRISE DE CONCORDÂNCIA DO SUJEITO COMPLEXO CUJOS NÚCLEOS [+ HUM] SÃO COMBINADOS COM OS [- HUM] EM XIZRONGA

STRATEGIES FOR RESOLVING THE CRISIS OF AGREEMENT OF THE COMPLEX SUBJECT WHOSE NUCLEI [+ HUM] ARE COMBINED WITH THE [- HUM] IN XIZRONGA*

Ernesto Dimande¹

RESUMO: Neste artigo examinamos, com base nos fundamentos da Linguística Descritiva, a concordância verbal do sujeito complexo, nos contextos em que os núcleos combinados são [+ HUM] e [- HUM], em Xizronga, uma língua bantu do grupo Tswa-Ronga (S50), falada na zona sul de Moçambique, na Província de Maputo e nas Cidades da Matola e Maputo. A discussão deste tema visa, por um lado, identificar os contextos em que esta combinação não resulta em crise de concordância e, por outro lado, averiguar se nesta língua, os falantes realizam a concordância total deste tipo de sujeito e mapear as estratégias linguísticas de concordância adoptadas pelos falantes, para resolver a crise de concordância. Resumidamente, os dados recolhidos através de um questionário estruturado e administrado a um universo de 15 falantes nativos das variantes Xinondrwana, Xikalanga e Xihlanganu, permitiram concluir que, exceptuando os contextos em que os núcleos são das classes 1 e 2 e 7 e 8, esta combinação de núcleos resulta em crise de concordância. Para resolver esta crise, os falantes recorrem a três estratégias, a saber: estratégia de construção comutativa, estratégia de repetição do verbo e estratégia de construção impessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Xizronga. Concordância verbal. Sujeito complexo. Traço humano.

ABSTRACT: In this article we examine, based on the foundations of Descriptive Linguistics, the verbal agreement of the complex subject, in contexts where the combined nucleus are [+ HUM] and [- HUM], in Xizronga, a Bantu language of the Tswa-Ronga group (S50), spoken in southern Mozambique, in Maputo Province and the cities of Matola and Maputo. The discussion of this topic aims, on the one hand, to identify the contexts in which this combination does not result in a crisis of agreement and, on the other hand, to ascertain whether in this language, speakers perform total agreement for this type of subject and to map the linguistic agreement strategies adopted by speakers to resolve the crisis of agreement. In summary, data collected through a structured questionnaire administered to 15 native speakers of the Xinondrwana, Xikalanga, and Xihlanganu variants led to the conclusion that, except in contexts where the nuclei are from classes 1 and 2 and 7 and 8, this combination of nuclei results in a crisis of agreement. To resolve this crisis, speakers resort to three strategies: commutative construction strategy, verb repetition strategy, and impersonal construction strategy.

KEYWORDS: Xizronga. Verbal agreement. Complex subject. Human trait

1 Introdução

Um dos factores responsáveis pela crise de concordância verbal (CV)² do sujeito complexo, ao nível de diversas Línguas Bantu (LB), como por exemplo, Xichangana, Ciyao, Luganda, Setswana e Chichewa, de acordo com Corbett & Mtenje (1987), Sitoe (1999), Corbett (2006) e Ngunga (2014), é a combinação entre núcleos semanticamente [+ HUM] e [- HUM].

* Data de Submissão: 31.07.2025 – Data de Aceite: 09.01.2026 | DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2025v20n2.75183

¹ Centro de Estudos Africanos – Universidade Eduardo Mondlane – Contato: ernestomariodimande@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9995-1943>

² **Lista de siglas:**

CN – classe nominal; CP – concordância parcial; CT – concordância total; Fut – futuro; LB – línguas bantu; Loc – locativo; MCS – marca de concordância de sujeito; Pas – passado; Pass – passivo; PN – prefixo nominal; PV – prefixo verbal; RN – radical nominal; VF – vogal final.

Efectivamente, Corbett & Mtenje (1987) baseando-se nos dados de Chichewa, constatou que “Conjoined structures involving noun phrases denoting humans and nonhumans are unacceptable... ” (p. 36). Por sua vez, Corbett (2006), já com base em elementos de Luganda, constatou que a tentativa de concordância total (CT) de sujeitos complexos desta natureza “...is often ungrammatical or questionable” (p. 249), conforme ilustram os exemplos que se seguem:

[Luganda JE15] (Corbett, 2006, p. 249)

- | | | | | |
|-----|---------------------------------|-----------|------------------|----------------|
| 1a. | <i>?omu-sajja</i> | <i>ne</i> | <i>em-bwa-ye</i> | <i>bi-agwa</i> |
| | SG-man(1/2) | and | SG-dog(9/10)-his | 8-fell |
| | ‘The man and his dog fell down’ | | | |
| | | | | |
| b. | <i>*omu-sajja</i> | <i>ne</i> | <i>em-bwa-ye</i> | <i>ba-agwa</i> |
| | SG-man(1/2) | and | SG-dog(9/10)-his | 2-fell |
| | ‘The man and his dog fell down’ | | | |

Semanticamente, os sujeitos complexos dos exemplos em (1a-b) possuem núcleos diferentes, designadamente: *omusajja* ‘man’, (classe 1), que é [+ HUM], e *embwaye* ‘dog’, (classe 9), que é [- HUM]. Por causa desta diferença semântica, em (1a), constatamos que a tentativa de realizar a concordância através de *svi-* resulta em construção questionável. Igualmente, em (1b), verificamos que o uso de *va-* também gera uma construção agramatical. A construção discutível em (1a) e a agramatical em (1b) decorrem do facto de os núcleos *omusajja* ‘man’ e *embwaye* ‘dog’ pertencerem a níveis hierárquicos diferentes, embora todos sejam animais! Alinhando com Corbett (2006), Givón (1970), citado por Corbett & Mtenje (1987), já constatara que nestes contextos “informants prefer to avoid conjoining the noun phrases and to use the comitative construction instead” (p. 33).

Sobre a CV de sujeito complexo cujos núcleos são similares aos exemplos em (1), Corbett (2006) defende que “If the conjuncts are semantically mixed, the comitative construction is preferable” e “if gender resolution is forced, the form will be as for nonhumans.” (p. 98). Concordando com Corbett (2006) e Maho (1999), McCormack (2007) entende que, de uma forma geral, existem “three methods of avoiding agreement with conjoined noun frases...” (p. 95), a saber: construções comutativas “comitative constructions”; repetição do verbo “repetition of the verb” e construção impessoal “impersonal construction”.

Considerando a variação interlinguística que se verifica ao nível das LB de diferentes grupos linguísticos, três questionamentos surgem em relação à CV do sujeito complexo, em Xizronga: *i*. Será que nesta língua, todos os contextos de sujeito complexo, cujos núcleos [+ HUM] são combinados com os [- HUM], resultam na crise de concordância?; *ii*. Nos contextos de crise de concordância, será que os falantes realizam a CT do sujeito complexo? e *iii*. Se não, que estratégias linguísticas os falantes adoptam para resolver esta crise?

O presente artigo tem como objetivo propor a reflexão sobre as questões anteriormente apresentadas. Especificamente pretendemos: *i*. identificar os contextos de sujeito complexo em que a combinação de núcleos [+ HUM] com os [- HUM] não resulta em crise de concordância; *ii*. averiguar se, em Xizronga, os falantes realizam CT de sujeito complexo desta natureza; e *iii*. mapear as estratégias linguísticas adoptadas na resolução da crise.

Os dados que suportam a análise descritiva deste artigo foram recolhidos através de um questionário estruturado, administrado a 15 falantes nativos de três variedades de Xizronga, a saber: Xinondrwana, Xikalanga e Xihlanganu. Trata-se de falantes de 20 a 65 anos, na sua maioria operadores de *taxi-mota*, camponeses e funcionários públicos e privados.

Dando continuidade às reflexões iniciadas por Maho (1999), Corbett (2006) e Ngunga (2014) sobre a concordância de sujeitos complexos cujos núcleos [+ HUM] são combinados com [- HUM], pretendemos aprofundar o exame da CV em Xizronga, oferecendo um contributo na descrição da gramática de Xizronga. Assim sendo, organizamos o artigo em 5 secções, sendo que esta breve introdução faz parte da secção 1, dedicada à contextualização da pesquisa, apresentando o tema, os objectivos que desejamos alcançar, as perguntas que guiam a pesquisa, bem como os aspectos teórico-metodológicos. A seguir, temos a secção 2, na qual fazemos uma breve descrição de Xizronga, abordando a variação dialectal e a morfologia do nome e do verbo. Na secção 3, apresentamos o estado de arte sobre as estratégias de concordância do sujeito complexo nas LB, com destaque para os contextos em que os núcleos [+ HUM] são combinados com os [- HUM]. Seguidamente, temos a secção 4, dedicada à discussão das estratégias de resolução da crise de CV de sujeito complexo em Xizronga. Finalmente, a secção 5, onde apresentamos as considerações finais, antes das referências.

2 Xizronga, a língua objecto de estudo

2.1 Enquadramento linguístico

De acordo com Ngunga & Faquir (2012), Xizronga (S54) é uma LB do grupo Tswa-Ronga (S50), que integra também Xichangana (S53) e Xitshwa (S51). Trata-se de um grupo linguístico que se caracteriza por uma inteligibilidade recíproca (Conceição, 1999), devido à proximidade geográfica, o que resulta no bilinguismo e/ou multilinguismo dos falantes.

Xizronga é falada na zona sul de Moçambique, concretamente na Província de Maputo (distritos de Manhiça, Marracuene, Boane, Moamba, Namaacha e Matutuine); Cidade de Maputo (distritos municipais de KaMpfumu, KaNlhamankulu, KaMaxakeni, KaMavota, KaMubukwana, KaTembe e KaNyaka) e Cidade da Matola. Devido a esta localização geográfica, no tempo colonial, o conhecimento de Xizronga, a par de Xisena e Kiswahili, era de capital importância, não só para os indivíduos oriundos de outras latitudes que pretendiam exercer a actividade comercial, mas também para aqueles que desejavam “estudar qualquer dialecto *Thonga* ou mesmo outro da Língua Bantu” (Quintão, 1951, p. 10).

O território zronga acima descrito é linguisticamente heterogéneo, visto que Xizronga convive com LB, como por exemplo, Emakhuwa e Citshwa, e outras línguas não bantu, entre as quais, Português, a língua oficial, Inglês e Árabe, trazidas por emigrantes africanos e “estrangeiros” ao continente, atraídos pelas condições sócio-económicas existentes em Maputo. Por isso, defendemos que atualmente, a sobrevivência de estrangeiros e a possibilidade de sucesso no estudo de outras LB não dependem do domínio de Xizronga.

Em termos de variação dialectal, Ngunga & Faquir (2012) defendem que Xizronga possui 4 variedades, a saber: *i.* Xinondrwana, falada em Maracuene, Maputo, Matola e Boane; *ii.* Xikalanga (Xilwandle), falada no distrito da Manhiça; *iii.* Xizingili (Xiputru), falada na região que se estende de Ponta de Ouro a Catembe, incluindo a Ilha de Inhaca e *iv.* Xihlanganu, falada nos distritos de Moamba e Namaacha.

2.2 Caracterização morfológica do nome e do verbo

Nas LB, como nas línguas naturais em geral, o nome e o verbo são duas categorias morfológicas muito importantes na sintaxe. Por isso, embora este artigo seja dedicado à análise da CV do sujeito complexo, entendemos que é imprescindível discutir a morfologia destas, de modo a facilitar a análise de dados. Para o efeito, analisemos os seguintes exemplos:

- | | | | | | | | | | |
|-----|----------------|---|-----------------|-----------|-----|------------------|---|--------------------|----------|
| 2a. | <i>mhúnu</i> | > | <i>mhú-nu</i> | ‘pessoa’ | 3a. | <i>kufá</i> | > | <i>ku-f-á</i> | ‘morrer’ |
| b. | <i>vhánu</i> | > | <i>vhá-nu</i> | ‘pessoas’ | b. | <i>kubila</i> | > | <i>ku-bil-a</i> | ‘ferver’ |
| c. | <i>xidakwá</i> | > | <i>xi-dakwá</i> | ‘bêbado’ | c. | <i>kukhánélá</i> | > | <i>ku-khánél-á</i> | ‘falar’ |

- d. *svidakwá* > *svi-dakwá* ‘bêbados’ d. *kudóndzrá* > *ku-dóndzr-á* ‘aprender’

Estruturalmente, em cada um dos exemplos apresentados em (2) constatamos que em Xizronga, o nome é constituído por duas partes, a saber: prefixo nominal (PN), destacado a negrito, que é morfema variável que indica a CN e o número (singular vs plural) e, radical nominal (RN). Já em (3) verificamos que o verbo possui três partes, designadamente: prefixo verbal (PV), também a negrito; radical, que é “constituente que contém o significado lexical” (Xavier e Mateus, 1992, p. 321) e vogal final (VF) ou terminal.

Concretamente, em (2), *mhu-*, *vha-*, *xi-* e *svi-* constituem PNs das CNs 1, 2, 7 e 8 e, *-nu*, e *-dakwa* são RNs. Por isso, a variação consiste em, por exemplo, o RN *-dakwa* poder receber como PN *xi-* (classe 7) ou *svi-* (classe 8), conforme esteja no singular ou plural.

Em (3), *ku-*, o PV, constitui marca de infinitivo, invariável e, *-f-* ‘morrer’, *-bil-* ‘ferver’, *-khanel-* ‘falar’ e *-dondzr-* ‘estudar’, radicais verbais e *a-*, VF, também invariável.

Resumindo, na língua zronga e nas LB no geral, a variação do nome, que mais chama atenção, como referimos, é a que permite sinalizar o singular ou o plural, tendo em conta a CN, conforme os dados contidos na tabela que apresentamos na secção (2.3), referente às CNs.

2.3 Classes nominais

Na língua objecto de estudo, os nomes, sejam eles endógenos ou exógenos, estão distribuídos em CNs, tendo em conta a sua caracterização semântica e o PN. No contexto das LB, CN é um “conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância” (Ngunga, 2014, p. 122). O padrão de concordância como factor unificador de nomes da mesma classe também está presente em Van de Velde (2019), ao referir que CN constitui “sets of nouns that trigger the same agreement pattern” (p. 238). Entretanto, vale acautelar que os dados de Xizronga mostram que casos há em que nomes de diferentes CNs exibem o mesmo padrão de concordância, como mostram os exemplos que se seguem:

- 4a. [Yindlu] *yi-psh-ile.* b. [Minsinya] *yi-psh-ile.*
 casa 9.MCS-queimar-Pas árvores 9.MCS-queimar-Pa
 ‘O casa queimou.’ ‘As árvores queimaram.’

Analisando o padrão de concordância dos nomes *yindlu* ‘casa’ e *minsinya* ‘árvores’ poderíamos afirmar que, como ambos selecionam a marca *yi-* são da mesma CN. Todavia, enquanto *yindlu* ‘casa’ é da CN9, visto que faz plural através de *ti-* (em *tiyindlu* ‘casas’, classe 10), *minsinya* ‘árvores’ é da CN4, dado que constitui plural da CN3, (*nsinya* ‘árvore’).

O exercício que acabamos de realizar em (4) mostra que nas LB, as CNs desempenham um papel fulcral no sistema de concordância. Por isso, concordamos com McCormack (2007) quando refere que nas LB “The noun class system is at the heart of the agreement system in Bantu” (p. 91). Reconhecendo este facto, na tabela que se segue apresentamos o inventário de CNs de Xizronga, na actualidade.

Tabela 1. Inventário de classes nominais de Xizronga

Singular		Exemplos	Plural		Exemplos	Semântica
CN	PN		CN	PN		
1	<i>mu-</i>	<i>muyíví</i> ‘ladrão’	2	<i>va-</i>	<i>vayíví</i> ‘ladrões’	seres humanos
3	<i>mu-</i>	<i>mukwá</i> ‘faca’	4	<i>mi-</i>	<i>mikwá</i> ‘facas’	plantas
5	<i>li-</i>	<i>lihlahla</i> ‘lenha’	6	<i>ma-</i>	<i>mahlahla</i> ‘lenhas’	animais e frutos
7	<i>xi-</i>	<i>xifuva</i> ‘peito’	8	<i>svi-</i>	<i>svifuva</i> ‘peitos’	coisas e línguas

9	<i>n-</i>	<i>ndota</i> ‘ancião’	10	<i>ti-</i>	<i>tindota</i> ‘anciões’	animais
11	<i>li-</i>	<i>lihunyi</i> ‘lenha’	10	<i>ti-</i>	<i>tihunyi</i> ‘lenha’	coisas longas
14	<i>wu-</i>	<i>wushwa</i> ‘chima’	6	<i>ma³-</i>	<i>mawushwa</i> ‘chimas’	coisas abstractas
15	<i>ku-</i>	<i>kufa</i> ‘morrer’	Sem plural			infinitivo ⁴

Fonte: o autor

Na tabela anterior apresentamos as CNs de Xizronga, os PNs acompanhados por exemplos ilustrativos e a orientação semântica, tendo em conta os nomes que mais abundam em cada uma das CNs. Como se pode constatar, nesta língua existem 13 CNs activas. Da classe 1 a 10, estas estão organizadas aos pares, sendo que as classes 1, 3, 5, 7 e 9 albergam os nomes no singular e, as classes 2, 4, 6, 8 e 10, o plural. Excepcionalmente, a CN11 faz plural através da CN10.

As 13 CNs apresentadas na tabela 1 resultam da desactivação das classes diminutivas 12 e 13 e das locativas 16, 17 e 18. Entretanto, isto não implica que nesta língua não seja possível realizar a diminutivização e a locativização morfológicas. O que sucede é que estas operações deixaram de ser prefixais, passando a ser sufixais, através de *xi-... -ana* e *-ine*.

3. Estratégias de concordância verbal do sujeito complexo nas línguas bantu

Nas LB, a CV do sujeito complexo, segundo Ngunga (2014) e Corbett & Mtenje (1987) é realizada com base em diferentes estratégias, tendo em conta a CN dos núcleos, a caracterização semântica dos núcleos combinados, o Princípio de Adjacência e a posição do sujeito em relação ao verbo. Para ilustrarmos a influência destes factores linguísticos na CV, analisemos os exemplos de diferentes LB que a seguir apresentamos:

[Citshwa S51] (UETELA, 2009, p. 192)

- 5a. *Muti*(cl.3) *ni svifuyu*(cl.8) *svisele svoce*. ‘A casa e os animais ficaram sós’
- b. *Ximanga*(7) *ni homu*(9) *zvatalelwa hi mati*.
‘O gato e o boi estão a ficar inundados pela água.’

[Kiswahili, G42] (MITCHLEY, 2015, p. 23)

- 6a. *Mw-alimu na mw-anafunzi w-ake wa-li-kuja*.
1-teacher and 1-student 1-Poss SM2-PAST-come
‘The teacher and his student came.’

[Xizronga, S54]

- b. *Xi-pixi ni xi-nyanyana svi-lw-ile*.
7.gato e 7.passarinho 8.MS-lutar-Pas
‘O gato e o passarinho lutaram.’
- c. **Nhlata ni ntrumbula mi-bol-ile*.
3.batata-doce e 3.mandiona 4.MS-apodrecer-Pas

³ Exceptuando pouquíssimos casos, os nomes da CN14 não variam em número. Ou seja, não possuem plural.

⁴ No infinitivo, esta categoria lexical não varia em número.

‘A batata-doce e a mandioca apodreceram.’

Nos exemplos em (5a-b), de Citshwa, constatamos que nos contextos em que os núcleos do sujeito complexo são nomes [- HUM] de diferentes CNs, a marca de CV é *svi*-CN8. Entretanto, em (6a-b) verificamos que há casos em que, independentemente da caracterização semântica dos núcleos combinados, quando os núcleos são da mesma CN, a concordância realiza-se através do prefixo do plural correspondente, em obediência à “morphological rule”, que prediz que “two nouns of the same class trigger the corresponding plural concord on the verb” (MARTEN, 2000, p. 80). Todavia, o exemplo em (6c) mostra que em algumas casos, os falantes violam esta regra.

Para além da marca *svi*-CN8 e da referente ao plural corresponde à CN dos núcleos do sujeito complexo, em outras LB, a concordância também pode ser sinalizada através de *va*-CN2, quando os núcleos combinados forem [+ HUM], independentemente da CN destes, conforme ilustram os exemplos que a seguir apresentamos:

[Kiswahili, G42] (Mitchley, 2015, p. 114)

- 7a. *I-polisa ne-gqwetha ba-ya-sebenza.*
5-policeman and.5-lawyer SM2-PRES-work
‘The policeman and the lawyer are working.’
- b. *Isi-tyebi nesi-bhanxa ba-ya-funda.*
7-rich.person and.7-fool SM2-PRES-study
‘The rich person and the fool are studying.’

[Sesotho, S30] (Mitchley, 2015, p. 97)

- 8a. *Le-polesa le di-tsibi ba bua*
5-policeman and 8-expert SM2 talk
‘The policeman and the experts are talking.’
- b. *Ma-polesa le se-tsibi ba bua*
6-policeman and 7-expert SM2 talk
‘The policemen and the expert are talking.’

Analisando os sujeitos complexos das construções em (7-8) constatamos que, apesar de os núcleos combinados serem de diferentes CNs e, por sinal, não serem da CN1 ou CN2, a marca de concordância é invariavelmente *va*-CN2. A seleção desta, de acordo com Mitchley (2015) e Marten (2000) explica-se pelo facto de todos os núcleos serem nomes [+ HUM]. Aliás, em algumas LB, esta concordância semântica não se regista exclusivamente nestes contextos, conforme documentam os exemplos que a seguir apresentamos:

[Ciyao, P21] (Taji & Mreta, 2014, p.85)

- 9a. *Mu-ndu ni li-vaata a-ku-utuk-a.*
1-person and 5-duck 2SC-PRES-run-FV
‘A person and a duck are running.’
- b. *M-chanda ni ng'ombe a-kw-ik-a.*
1-boy and 9-cow 2SC-PRES-come-FV

‘A boy and a cow are coming.’

Efetivamente, os exemplos em (9) atestam que em Ciyao, a marca *a-* CN2 também é selecionada nos contextos em que os núcleos [+ HUM] são combinados com os [- HUM] não pertencentes às CNs 1 e 2. Na verdade, estas construções mostram que a CV é parcialmente realizada com base nos núcleos [+ HUM], *mundu* ‘person’ e *mchanda* ‘boy’. Sobre sujeitos complexos com esta configuração, Siteo (1999) argumenta que “.. os SNs representando seres com traços [+ HUM] e [- HUM] (ou com traços [+ HUM] e [- animado] não podem constituir S_j composto contínuo, pertençam ou não a mesma classe nominal.” (p. 7)

Enquanto em algumas LB a CV do sujeito complexo cujos núcleos [+ HUM] são combinados com os [- HUM] é realizada através de *va-* ou *a-* CN2, em obediência ao factor semântico, em outras LB, como por exemplo, Xichangana, Citshwa e Ciyao, a tentativa de realizar a concordância de sujeitos gramaticais com esta configuração semântica resulta sempre em construções questionáveis ou agramaticais:

[Xichangana S53] (SITOE, 1999, p. 7)

- 10a. ?*Ntombhi ni mbzàrà yatsemakanye mùsele.*
 9.rapariga e 9.cão 2.atraversar.psd 3.canal
 ‘A rapariga e o cão atravessaram o canal.’
- b. **Ntombhi ni mbzàrà svitsemakanye mùsele.*
 9.rapariga e 9.cão 8.atraversar.psd 3.canal
 ‘A rapariga e o cão atravessaram o canal.’

[Citshwa S51] (UETELA, 2009, p. 191)

- 11a. **vanu ni zvibza vanelwa hi vhula* ‘pessoas e coisas estão a molhar com chuva’
 b. ?*zvibza ni vanu vanelwa hi vhula* ‘coisas e pessoas estão a molhar com chuva’
 c. ?*vanu ni zvibza vanelwa hi vhula* ‘pessoas e coisas estão a molhar com chuva’

[Ciyao P21] (NGUNGA, 2014, p. 252)

- 12a. * *muundu ni nguku ajiinjiile n’cituundu* ‘a pessoa e a galinha entraram na capoeira’
 b. * *nguku ni muundu sijiinjiile n’cituundu* ‘a galinha e a pessoa entraram na capoeira’

Conforme os exemplos em (10-12), a CV de sujeitos complexos cujos núcleos [+ HUM] são combinados com os [- HUM], designadamente: *ntombhi* ‘rapariga’ e *mbzana* ‘cão’, em (10a-b); *vanu* ‘pessoas’ e *svibza* ‘coisas’, em (11a-c) e *muundu* ‘pessoa’ e *nguku* ‘galinha’, em (12a-b), resulta em crise de concordância, visto que o uso das marcas das CNs 2 e 8 não permite interpretar os respetivos sujeitos complexos.

Como mostramos na secção introdutória, o fenómeno acima descrito também ocorre em Setswana (S31). Assim, para resolver esta crise, Maho (1999) citado por McCormack (2007) defende, com base nos dados desta LB, que os falantes adotam três estratégias, a saber: *i.* construções comutativas *ii.* repetição do verbo e *iii.* a construção impessoal, conforme documentam os exemplos que se seguem:

[Setswana S31] (MCCORMACK, 2007, p. 96)

- 13a. *ba tlhankaba tsile le di kólói*
 NP.2 servant SC.2 havetcome COM NP.10 wagon
 ‘The servants have come with the wagons.’
- b. *ba tlhanka ba tsile, le di koloí di tsile*
 NP.2 servant SC.2 have.come CON NP.10 wagon SC.10 have.come
 ‘The servants have come, and the wagons have come.’
- c. *go tsile ba tlhankale di koloí*
 SC. 17 have.come NP.2 servant CON/COM NP.10 wagon
 ‘There have come servants and/with wagons.’

No exemplo em (13a), constatamos que os núcleos *batlhanka* ‘servants’ e *koloí* ‘wagon’ foram separados, passando este último para a posição pós-verbal, precedido pela partícula *le* ‘with’. Por conseguinte, na forma verbal *batsile* ‘have come’, que separa os dois núcleos, *ba-* CN2, é marca de concordância de *batlhanka* ‘servants’, o único núcleo que permanece na posição pré-verbal.

Diferentemente da estratégia comutativa, na de repetição do verbo, exemplo ilustrado em (13b), os dois núcleos já referidos realizam a concordância, não obstante serem também separados. O que sucede nesta construção é que o segundo núcleo é movido para a zona intermédia, fazendo com que o verbo seja repetido e em cada um deles, prefixadas as marcas de cada um destes dois núcleos. Por isso, em *basile* e *disile* temos as marcas *ba-* e *di-* referentes a *batlhanka* e *koloí*, respetivamente.

Por último, a estratégia de construção impessoal, em (13c), na qual, os dois núcleos são movidos para a posição pós-verbal, sendo que ao verbo é acoplado o prefixo da CN17. Como se pode constatar, nesta estratégia, nenhum dos núcleos realiza a CV.

4 Concordância do sujeito complexo de núcleos [+ HUM] e [- HUM] em Xizronga

De uma forma geral, o conflito de concordância do sujeito complexo cujos núcleos [+ HUM] são combinados com os [- HUM] também ocorre em Xizronga. Entretanto, uma análise comparativa das 13 CNs desta língua revela que existem algumas exceções, conforme os exemplos que se seguem:

- 14a. *Muloyi ni mahulwána va-ta-hah-a.*
 1.feiticeiro e 1.curiango 2.MCS-Fut-voar-VF
 ‘O feiticeiro e o curiango voarão.’
- b. *Valoyi ni vamahulwána va-ta-hah-a.*
 2.feiticeiros e 2.curiangos 2.MCS-Fut-voar-VF
 ‘Os feiticeiros e os curiangos voarão.’
- 15a. **Jaha ni khele ma-/svi-/va-psh-ile*
 5.rapaze 5.sapo 6/8/2.MCS-queimar-Pas
 ‘O rapaz e o sapo queimaram.’
- b. **Majaha ni makhele ma-/svi-/va-psh-ile*
 6.rapazes e 6.sapos 6/8/2.MCS-queimar-Pas
 ‘Os rapazes e os sapos queimaram.’

- 16a. *Xiduhati* *ni* *xipixi* *svi-f-ile*
 7.idoso e 7.gato 8.MCS-morrer-Pas
 ‘O idoso e o gato morreram.’
- b. *Sviduhati* *ni* *svipixi* *svi-f-ile*
 8.idosos e 8.gatos 8.MCS-morrer-Pas
 ‘Os idosos e os gatos morreram.’
- 17a. **Nhenha* *ni* *nghonyama* *ti-/svi-/va-lw-ile*
 9.herói e 9.leão 10/8/2.MCS-lutar-Pas
 ‘O herói e o leão lutaram.’
- b. **Tinhonha* *ni* *tinghonyama* *ti-/svi-/va-lw-ile*
 10.herois e 10.leoes 10/8/2.MCS-lutar-Pas
 ‘Os heróis e os leões lutaram.’

Analisando os exemplos anteriormente apresentados, constatamos que, enquanto que o sujeito complexo cujos núcleos combinados são nomes das CNs 1, 2 e 7 e 8 não apresenta conflito de concordância, visto que as marcas selecionadas são *va-* CN2 e *svi-* CN8, respectivamente, nas restantes CNs, a tentativa de realizar esta operação sintáctica, tanto através do prefixo de plural correspondente, quanto através das marcas *svi-* e *va-*, resulta em construções questionáveis ou agramaticais.

A agramaticalidade acima apontada não se verifica apenas quando os núcleos de sujeito complexo são nomes da mesma CN, designadamente classes 3, 4, 5, 6, 9 e 10:

- 18a. **Mu-hloti* *ni* *mbzáná* *va-y-ile* *kuhlot-eni.*
 1.caçador e 9.cão 2.MCS-ir-Pas caçar-Loc
 ‘O caçador e o cão foram à caça.’
- b. **Svi-duhati* *ni* *m-bongolo* *va-d-iw-ile* *hi ngonyama.*
 8.idosos e 9.burro 2.MCS-comer-Pass-Pas por 9.leão
 ‘Os idosos e o burro foram comidos pelo leão.’
- c. **Va-yeni* *ni* *xi-pixi* *va-fik-ile* *kaya.*
 2.visitantes e 7.gato 2.MCS-chegar-Pas 5.casa
 ‘Os visitantes e o gato chegaram à casa.’
- d. **Ma-jaha* *ni* *ti-huku* *va-ta-famba* *hi movha.*
 6.rapazes e 10.galinhas 2.MCS-Fut-ir-VF de carro
 ‘Os rapazes e as galinhas irão de carro.’

Conforme ilustram os exemplos em (18), a agramaticalidade do sujeito complexo cujos núcleos [+ HUM] são combinados com os [- HUM] também se verifica nos contextos em que estes núcleos são de CNs diferentes. No caso em análise, temos: *muhloti* ‘caçador’ CN1 e *mbzáná* ‘cão’ CN9, em (18a); *sviduhati* ‘idosos’ CN8 e *mbongolo* ‘burro’ CN9, em (18b); *vayeni* ‘visitantes’ CN2 e *xipixi* ‘gato’ CN7, em (18c) e *majaha* ‘rapazes’ CN6 e *tihuku* ‘galinhas’ CN10, em (18d).

A agramaticalidade acima referida resulta do facto de o uso da marca *va-* CN2 sugerir que todos núcleos do sujeito complexo são [+ HUM], quando na verdade, *mbzáná* ‘cão’, *mbongolo* ‘burro’, *xipixi* ‘gato’ e *tihuku* ‘galinhas’ são [- HUM]. Assim, o uso desta marca significaria, segundo os informantes, a “humanização” destes animais irracionais.

Se por um lado, a tentativa de realizar a concordância através de *va-* CN2 se mostra inviável devido à implicação semântica dos núcleos combinados, a possibilidade de uso da marca *svi-* CN8 também resulta em construções anómalas, conforme os exemplos:

- 19a. ?*Mu-hloti ni mbzáná svi-y-ile kuhlot-eni*⁵.
1.caçador e 9.cão 8.MCS-ir-Pas caçar-Loc
‘O caçador e o cão foram à caça.’
- b. ?*Svi-duhati ni mbongolo svi-d-iw-ile hi ngonyama*.
8.idosos e 9.burro 8.MCS-comer-Pass-Pas por 9.leão
‘Os idosos e o burro foram comidos pelo leão.’
- c. ?*va-yeni ni xi-pixi svi-fik-ile kaya*.
2.visitantes e 7.gato 8.MCS-chegar-Pas 5.casa
‘Os visitantes e o gato chegaram à caça.’
- d. ?*Ma-jaha ni ti-huku svi-ta-famba hi movha*.
6.rapazes e 10.galinhas 8.MCS-Fut-ir-VF de carro
‘Os rapazes e as galinhas foram de carro.’

Efectivamente, ao crivo dos informantes, as construções acima são questionáveis, devido ao uso da marca *svi-* CN8, nos contextos em que *muhloti* ‘caçador’ CN1, em (19a); *sviduhati* ‘idosos’ CN8, em (19b); *vayeni* ‘visitantes’ CN2, em (19c); e *majaha* ‘rapazes’ CN6, em (19d) são seres [+ HUM]. Portanto, se, por um lado, a marca *va-* humaniza os núcleos [- HUM], a marca *svi-* CN8 desqualifica os núcleos [+ HUM]. Os seres humanos não são coisas.

A agramaticalidade referenciada nos parágrafos precedentes, tanto através da marca *va-*, quanto através de *svi-* parece fazer sentido na medida em que, a humanização dos núcleos [- HUM], bem como a diminutivização dos núcleos [+ HUM] abstratizam as construções, conforme os exemplos que a seguir apresentamos:

- 20a. *Mu-hloti na n'wambzáná va-y-ile kuhlot-eni*.
1.caçador e 1.senhor cão 2.MCS-ir-PAScaçar-Loc
‘O caçador e o senhor cão foram à caça.’
- b. *Svi-duhati ni svi-mbongolwana svi-d-iw-ile hi nghonyama*.
8.idosos e 8.burrinhos 8.MCS-comer-Pass-Pas por 9.leão
- c. *Va-yeni na n'wa-xipixi va-fik-ile kaya*.
2.visitantes e 1.senhor gato 2.MCS-chegar-Pas 5.casa.Loc
‘Os visitantes e o senhor gato chegaram à casa.’
- d. *Svi-jahana ni svi-hukwana svi-ta-famb-a hi movha*.
8.rapazinhos e 8.pintos 8.MCS-Fut-ir-VF de carro

⁵ Sufixo locativo, que ao ser acoplado a nomes e verbos, transmite a ideia de locativização.

‘Os rapazinhos e os pintos irão de carro.’

Contrariamente aos exemplos em (18a) e (18c), em que os núcleos *mbzáná* ‘cão’ e *xipixi* ‘gato’ são realmente [- HUM], em (20a) e (20c), estes estão personificados através do prefixo *n’wa-*, passando a ser integrados na CN1. Por isso, nestes casos, o uso da marca *va-* CN2 não resulta na agramaticalidade, visto que todos os núcleos são [+ HUM]. Igualmente, em (20b-d) as construções são gramaticais na medida em que os núcleos *mbongolo* ‘burro’ CN9 e *svimbongolwana* ‘burrinhos’ CN8, em (20b), e *svijahana* ‘rapazinhos’ CN8 e *svihukwana* ‘pintos’ CN8, em (20d) estão diminutivizados. Assim sendo, em (19b) e (19d) onde todos os núcleos são da CN8, a concordância através de *svi-* torna as construções gramaticais, ainda que os núcleos *svihuhati* ‘idosos’ e *svijahana* ‘rapazinhos’ sejam [+ HUM].

Os exemplos que acabamos de analisar mostram que exceptuando os contextos em que os núcleos do sujeito complexo são das CNs 1 e 2 e 7 e 8, a combinação [+ HUM] com os [- HUM] resulta em construções agramaticais, o que obriga os falantes a adoptarem diferentes estratégias de concordância, na perspectiva de resolver a crise, conforme ilustram os exemplos que a seguir apresentamos:

21a. *Mu-hloti a-y-ile kuhlot-eni ni mbzáná.*
 1.caçador 1.MCS-ir-Pas caça-Loc com 9.cão
 ‘O caçador foi à caça com o cão.’

b. *Va-yeni va-fik-ile kaya ni xi-pixi*
 2.visitantes 2.MCS-chegar-Pas 5.casa.Loc com 7.gato
 ‘Os visitantes chegaram à casa com os gatos.’

Os exemplos em (21a) e (21b) ilustram a estratégia comutativa, para a resolução da crise de concordância que se verifica em (18a) e (18c) respetivamente, tendo em conta que nos sujeitos gramaticais das construções os núcleos [+ HUM] são combinados com os [- HUM]. Assim, como vimos na revisão de literatura, esta estratégia consiste em serapar os núcleos, passando o segundo à posição final, o que permite que a concordância seja parcial, através de *muhloti* ‘caçador’ CN1 e *vayeni* ‘visitantes’ CN2, selecionando as marcas *a-* CN1 e *va-* CN2, respetivamente.

Para além da estratégia comutativa, a mais produtiva, os *vazronga* também resolvem a crise de concordância através da repetição do verbo, conforme os exemplos:

22a. *Mu-hloti a-y-ile ku-hlot-eni, nayone mbzáná yi-y-ile.*
 1.caçador 1.MCS-ir-Pas 17.caçar-Loc também 9.cão 9.MCS-ir-Pas
 ‘O caçador foi à caça, o cão também foi.’

b. *Va-yeni va-fik-ile kaya, naxone xipixi a-fik-ile.*
 2.visitantes 2.MCS-chegar-Pas 5.casa.Loc também 7.gato 1.MCS-chegar-Pas
 ‘Os visitantes chegaram a casa, também o gato chegou.’

Diferentemente da estratégia acima descrita, na estratégia de repetição do verbo, embora os núcleos também estejam separados, cada um destes realiza a concordância, selecionando a sua marca. Assim sendo, enquanto em (22a) os núcleos *muhloti* ‘caçador’ e *mbzáná* ‘cão’ selecionam *a-* e *yi-*, respetivamente, em (22b) *vayeni* ‘visitantes’ e *xipixi* ‘gato’ adoptam *va-* e *xi-*. Por último, temos a construção impessoal, conforme os exemplos:

- 23a. *Ku-hlot-eni* *ku-y-ile* *mu-hloti* *ni* *mbzáná.*
 17-caçar-Loc 17-ir-Pas 1.caçador e 9.cão
 ‘À caça foram o caçador e o cão.’
- b. *Kaya* *ku-fik-ile* *va-yeni* *ni* *xi-pixi.*
 5.casa.Loc 17-chegar-Pas 2.visitantes e 7.gato
 ‘Em casa chegarm visitantes e gatos.’

Nos exemplos em (23) verificamos que sintaticamente, os núcleos *muhloti* ‘caçador’ e *mbzáná* ‘cão’, em (23a) e, *vayeni* ‘visitantes’ e *xipixi* ‘gato’ em (23b) não exercem concordância, visto que embora não estejam separados, foram movidos para a posição pós-verbal. Esta ausência da concordância é licenciada pelo morfema *ku-*, marca de infinitivo.

5 Considerações finais

Neste artigo discutimos a CV do sujeito complexo cujos núcleos [+ HUM] são combinados com os [- HUM] em Xizronga, com a finalidade de identificar os contextos em que esta configuração não resulta na crise de concordância; averiguar se nestes contextos, os falantes realizam a CT deste tipo de sujeito e mapear as estratégias de concordância que são adotadas pelos falantes, para resolver a crise de concordância. Para o alcance destes objectivos, foi necessário recolhermos dados empíricos a 15 falantes nativos de três variedades de Xizronga, designadamente: Xinondrwana, Xikalanga e Xihlanganu.

Sobre as perguntas que guiaram esta pesquisa, os dados analisados permitiram concluir que, tal como sucede em Xichangana (S53), Cishwa (S51) e Ciyao (P21), a combinação de sujeitos [+ HUM] com os [- HUM] resulta em crise de concordância, exceptuando os contextos em que os núcleos combinados são das CNs 1 e 2 e 7 e 8. Nestas duas excepções, os falantes realizem a CT através de *va-* e *svi-*, quando os núcleos são das classes 1 e 2 e 7 e 8, respetivamente.

Para os contextos de crise de CV, os dados analisados mostraram que os falantes da língua em estudo adoptam três estratégias de resolução, a saber: *i.* estratégia comutativa (a mais produtiva); *iii.* estratégia de repetição do verbo e *iii.* estratégia de construção impessoal. Como vimos na revisão da literatura, estas estratégias são também usadas em outras LB, como por exemplo, [Ciyao P21]. Chichewa (N31) e Setswana (S31).

6 Referências

- CONCEIÇÃO, M. da. A brief look at sociolinguistics of Xirhonga and other languages spoken in Mozambique. In: HARGUS, Sharon; CONCEIÇÃO, Manuel. da. (Eds.). **Xirhonga linguistics**, p. 9-30, 1999.
- CORBETT, G. & MTENJE, A. Gender agreement in Chichewa. In: **Studies in African Linguistics**, (18):1, p. 1-38, 1987.
- CORBETT, G. E. **Agreement**. Cambridge University Press, 2006.
- MAHO, J. A comparative study of bantu nou classes. *Orientalia et Africana Gothoburgensia*, 13. Acta universitatis Gothoburgensis, 1999.
- MARTEN, L. Agreement with conjoined noun phrases in Swahili. **Afrikanistische Arbeitspapiere: Swahili Forum VII** (64), p. 75-96, 2000.

- MCCORMACK, A. **Subject and Object Pronominal Agreement in the Southern Bantu Languages: from a Dynamic Syntax Perspective**. 209f. Thesis of Dr in Philosophy, School of Oriental and African Studies, University of London, London, 2007.
- MITCHLEY, H. **Agreement and coordination in Xitsonga, Sesotho and Isixhosa: an optimality theoretic perspective**. 206f. Thesis of Masters in Linguistics, Rhodes University, 2015.
- NGUNGA, A. **Introdução à Linguística Bantu**. 2ª Edição. Maputo: Imprensa Universitária, 291p, 2014.
- NGUNGA, A. & FAQUIR, O. (ed). **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III seminário**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 336p. 2012.
- TAJI, J. J. & MRETA, A. Y. Subject-Verb Agreement in Chiyao Conjoined Noun Phrases. In: **Journal of Linguistics and language in education**, (8):2, p. 78-88, 2014.
- SITOE, B.; MAHUMANE, N.; LANGA, P. **Dicionário Xirhonga-Português**. Maputo: Texto Editores, 2008.
- SITOE, B. **Motivação semântica e sócio-cultural na organização das classes nominais – sua influência sobre a sintaxe: o caso do Changana**. Maputo: FLCS, UEM, p. 1-13, 1999.
- XAVIER, M. F. e MATEUS, M. H. **Dicionário de termos linguísticos**. Lisboa: Edições Cosmos, 424p., 1992.
- UETELA, M. Estratégias de concordância com sintagmas nominais complexo em Citshwa. In NGUNGA, A. **Lexicografia e descrição de Línguas bantu**. Coleção as Nossas Línguas. Centro de Estudos Africanos – UEM, Maputo, p. 187-198, 2009.
- Quintão, José Luís. **Gramática de Xironga (Landim)**. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 343p., 1951.
- VAN DE VELDE, M. Nominal morphology and syntax. In: Nurse, D. & Philippson, G. **The Bantu Languages**. 2nd Edition. London: Routledge, p. 237-269, 2019.